

Histórias de Vida de Moradores de Chiador, MG: Relatos de Quem Não Está na História Oficial¹

Nicole QUINTÃO²

Bruno FUSER³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este artigo apresenta reflexões desenvolvidas a partir do projeto “Chiador: jornalismo comunitário, história e ação cultural”, da Universidade Federal de Juiz de Fora. O projeto possui três eixos: o apoio ao veículo comunitário **Jornal de Chiador**; o desenvolvimento de ações culturais, como produção de vídeos, contação de histórias, mostras fotográficas; e a construção de uma história local a partir de entrevistas com moradores do município. São apresentadas aqui reflexões com base em entrevistas de histórias de vida com oito moradores de Chiador, com as quais foram produzidos vídeos apresentados em escolas e no centro cultural da cidade. O método de história de vida foi escolhido por permitir a construção de uma história local a partir da visão de segmentos da população que dificilmente têm acesso ao protagonismo na chamada história oficial.

Palavras-chave

histórias de vida; história local; cidadania; Chiador; ação cultural

Introdução

O projeto “Chiador: jornalismo comunitário, história e ação cultural”, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, com apoio da FAPEMIG para o período 2014-2016, tem por objetivo produzir material jornalístico, histórico e cultural nesse município de pequeno porte da Zona da Mata mineira, com a participação direta de seus moradores. Dessa forma estão sendo produzidos arquivos públicos em formatos diversos, para valorização da história local e reflexão teórica sobre jornalismo comunitário, história e cultura.

Um dos aspectos do projeto é o apoio à produção do **Jornal de Chiador**, veículo comunitário de comunicação criado em 2008. A pesquisadora Cicilia Peruzzo, da Universidade Metodista de São Paulo, assinala a importância da comunicação comunitária, por ela definida como “uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das ‘comunidades’ onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania” (PERUZZO, 2004, p.5).

¹ Trabalho apresentado na Intercom Jr - IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Graduada em Letras – Português e Inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola (2011); estudante de Graduação - 5º semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, email: nicolequintao@hotmail.com. Trabalho desenvolvido como atividade de iniciação científica com bolsa PIBIC/Fapemig 2015-2016.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, email: bruno.fuser@ufjf.edu.br

No que diz respeito a outro eixo do projeto, ação cultural, assinalamos a importância da ação cultural na perspectiva de uma cultura democrática, de uma cidadania cultural. Nossa principal referência é Marilena Chauí (CHAUÍ, 2006, p. 131), para quem “cultura passa a ser entendida como criação coletiva da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de habitação, vestuário e culinária, das manifestações do lazer, da música, da dança, da pintura e da escultura, dos valores e das regras de conduta, do sistema de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e as relações de poder”.

Entre os diversos eixos de trabalho do projeto, será desenvolvido neste artigo o da história de vida, caracterizada por alguns autores como uma tipologia qualitativa das entrevistas, método que foi desenvolvido com quatro moradores e quatro moradoras de Chiador, e que serviram de base para a produção de vídeos, disponíveis no canal TV Chiador do youtube, e que foram apresentados em mostra realizada nas escolas e no centro cultural da cidade. O método de história de vida foi escolhido por permitir a construção de uma história local em Chiador a partir da visão de segmentos da população que dificilmente têm acesso ao protagonismo na chamada história oficial.

Metodologia

A pesquisa científica não se baseia em puro empirismo, não se estrutura em “achismos” ou percepções, há motivações que a norteiam, que precisam ou pretendem ser comprovadas.

Há diferentes modelos de pesquisa, os quais se definem pelo teor e pela intenção do estudo, entre os quais destacamos: qualitativos, quantitativos, etnográficos, pesquisa participante, estudo de caso e grupo focal. Tais meios podem se complementar; há pesquisas quali-quantitativas, por exemplo, em que os dois primeiros métodos, acima citados, se complementam. Dificilmente uma pesquisa se faz com um modelo apenas, há traços, ainda que sutis, de mais de um, em uma única pesquisa.

Para sistematizar dados, comprovar teorias, reafirmar ideais ou desconstruí-los, os pesquisadores lançam mão de técnicas diferentes. Procedimentos que funcionam como mediadores entre o intuito da pesquisa e sua conclusão.

Aqui nos atentaremos a uma ferramenta recorrente aos pesquisadores: as entrevistas; que, de acordo com a sua elaboração e intuito, se dividem em: não diretivas, estruturadas, semi-estruturadas e história de vida.

Nas entrevistas não diretivas, o indivíduo faz um discurso livre e, a partir dele, as informações são obtidas; nas estruturadas, há um roteiro formulado com questões previamente pensadas; já as semi-estruturadas permitem, mesmo com um roteiro prévio, que, mediante as respostas obtidas, o entrevistador reformule questões e, assim, caso julgue necessário, redirecione a entrevista. História de vida é o modelo, como o próprio nome diz, em que os questionamentos se atrelam à vida pessoal do entrevistado. Através dele constroem-se autobiografias e memoriais, por exemplo. As entrevistas analisadas aqui seguem esse modelo.

Entrevistas qualitativas

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso. (DUARTE, 2004, p. 216)

A eficácia da entrevista como método de pesquisa qualitativa é, por vezes, alvo de questionamentos, uma vez que, roteirizar questões, aplicar questionários, conduzir as falas, traz à luz a questão da subjetividade, o que gera a dita “desconfiança” de tal metodologia de pesquisa.

Considerar que há uma linha de pesquisa, um ideal que norteia o pesquisador, um referencial teórico, talvez seja um meio de esclarecer o motivo de entrevistar ser, de fato, um processo seletivo. Envolve escolhas como: o que perguntar, a quem perguntar, por que perguntar. No entanto, o roteiro faz com que a subjetividade do entrevistador (pesquisador), bem como a neutralidade mediante ao seu objeto de estudo, se torne realmente uma preocupação.

Interpretar um conteúdo obtido não é tarefa fácil. A objetividade possível do pesquisador é testada neste estágio. Já que há uma tendência a confirmar percepções que levaram àquela entrevista, deve haver um esforço, por parte do pesquisador, de que o olhar direcionado ao conteúdo obtido seja ao máximo destituído de estereótipos.

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos. (ROMANELLI, citado por DUARTE, 2004, p.216).

Além da subjetividade do entrevistador/pesquisador é necessário perceber a subjetividade de cada entrevistado. Aqui, oito histórias de vida são analisadas, contadas por personagens diferentes e é interessante atentar-se ao fato de que cada pessoa que se dispõe a

falar traz consigo uma personalidade, o que exige cuidado por parte do pesquisador. Enquanto para uns basta uma pergunta para estruturar um pensamento e segurar respostas longas e ricas em informações e curiosidades, outros se limitam a respostas quase monossilábicas, alternando entre o "sim", o "não" ou o "u-hum", essas diferenças nos perfis dos entrevistados requerem do entrevistador uma flexibilidade e até maior esforço para entender aquilo que pode ser aproveitado nas falas e assim, quem sabe, desencadear novos questionamentos, talvez não antes elaborados e que consigam prolongar essa relação dialógica.

A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. (MEDINA, 1986, p. 6)

Diferentes angulações, diferentes entrevistas

Conversa com uma pessoa para a interrogar sobre os seus atos, ideias e projetos, a fim de publicar ou difundir o seu conteúdo ou de a utilizar para fins de análise (inquérito de opinião). (“Entrevista”, por *Dicionário Aurélio Online* – acesso em 07 de abril de 2015)

A entrevista não se configura um bate-papo. Trata-se de um diálogo que, sim, tem interesses, finalidades. O grau de informalidade se faz necessário apenas para aproximar o entrevistado e ser receptivo a ele, mas esse deve ser nivelado e dosado pelo jornalista/pesquisador. Segundo Romanelli (1998), citado por Duarte (2004, p. 220): "a empatia não é fundamento da comunicação com o outro".

Dizer que entrevistar é, em alguns casos, uma maneira de "dar voz" ao entrevistado, a uma comunidade, um órgão público, também é um ponto de reflexão. Já que a entrevista tem interesses de pesquisa, a "voz" ouvida seria a do pesquisador que traduziu o conteúdo obtido. De fato, o entrevistador não é mero ouvinte, é um interlocutor ativo que tem o dever de conduzir a fala. O que não significa exatamente não dar espaço à voz do entrevistado, mas, sim, saber ouvi-lo, consciente de que tal fala é de extrema importância para determinado fim.

Portanto, não cabe supor que relatórios de pesquisa ou teses de doutorado devam funcionar tão somente como “caixas de ressonância” de falas alheias, cadeias de transmissão de idéias e reivindicações de grupos “sem voz” no meio acadêmico. (DUARTE, 2004, p. 218).

As entrevistas de história de vida, modelo utilizado no material aqui analisado, priorizam questionamentos que envolvem a vida da pessoa entrevistada, portanto, as perguntas se atrelam ao passado daquele indivíduo e das lembranças que ele tem sobre a

própria história e, portanto, é importante ressaltar a significância da memória para obter conteúdo em uma entrevista.

A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente de dissimulação ou da fabulação (MORIN, citado por MEDINA, 1986, p. 11)

O indivíduo que aceita ser entrevistado deverá estar ciente dos objetivos e propósitos do pesquisador, isso, provavelmente, o fará pesar suas declarações. A postura do entrevistado, portanto, revela-se, para muitos, um ponto questionável, pois supõe-se que diante de câmeras ou da figura do jornalista/pesquisador a essência e veracidade do que está sendo dito enfraquece. A fala seria, de fato, reflexo do pensamento puro e simples sobre determinado tema ou ocorre uma construção de discursos afetados pelo ambiente. Essa é uma interrogação plausível, porém, segundo Magnani (1986), citado por Duarte (2004, p.223): “cabe ao pesquisador 'desconfiar' de seus interlocutores”.

Como método de apuração do que foi dito e interpretado em entrevista sugere Duarte (2004, p. 215):

Os resultados obtidos a partir dessa “manufatura” das informações coletadas devem ser apresentados aos informantes, para verificar se a leitura feita e se as hipóteses formuladas a partir dela têm fundamento para aqueles que vivenciam mais diretamente as circunstâncias investigadas: uma espécie de “devolução”, que ajuda a evitar distorções.

O pesquisador precisa ter bem definidos seus objetivos, seu referencial teórico, bem como sua metodologia, assim terá maior segurança para descartar qualquer discurso que não atenda suas pretensões, bem como para apresentá-los àqueles que serão suas fontes.

A garantia de confiabilidade das pesquisas passa, necessariamente, pela explicitação das relações existentes entre os procedimentos adotados na coleta de material empírico, a literatura científica, o objeto de pesquisa e os resultados obtidos a partir dessas relações. (BRITO, citado por DUARTE, 2004, p.219)

Memória, história local e cidadania

É importante apresentar, ainda, a reflexão realizada para escolha dessa dupla metodologia, história de vida para construção da história local. Se nossas ações podem estar dirigidas no sentido de nos adaptarmos ao mundo, nos conformarmos, podem também buscar transformá-lo. Um instrumento nessa direção pode ser trabalhar com a história local, "capaz de expressar a vida do indivíduo ou do grupo a partir de determinada localidade fora do controle da História oficial, guardando a possibilidade do encontro do indivíduo consigo mesmo e com a história que o constitui" (SILVEIRA FILHO, 2003, p.15). Essa perspectiva

de valorização da história local, um dos pontos-chave do projeto, destaca a importância de nos libertarmos de um fazer histórico “resultado de uma relação desencontrada entre o sujeito e o produto de sua ação, desencontro que se manifesta como se o espaço do ‘local’ fosse um e o do ‘geral’ fosse outro” (MARTINS, 2000, p.147).

Trata-se, enfim, de não se negar a participação popular na construção da história. Essa negação "se caracteriza como atitude anti-científica, uma vez que a história é resultado de conflitos entre classes; a subtração da participação popular é entendida como sendo uma negação da atuação desses segmentos, classificando-os como objeto e não como sujeitos da história", pontua Barbosa (2006, p.65).

Contribuir, assim, como pretendemos, para a construção de uma história local com ativa participação da comunidade é oferecer uma alternativa para um fazer histórico a partir de segmentos que podem, dessa forma, assumir o papel de protagonistas, refazendo percursos de passado e presente de forma a entender e intervir cotidianamente em sua realidade. É uma forma de contribuirmos com a construção de uma cidadania desde o ponto de vista dessa parcela da população, subalterna e com pouco espaço na elaboração da chamada história oficial.

Os entrevistados, o roteiro

Uma dos desafios da pesquisa foi a escolha dos entrevistados. De acordo com as perspectivas teóricas, buscávamos moradores que não tivessem posição social de destaque, em Chiador: pessoas comuns, trabalhadores, do campo e da cidade, em situação de subalternidade em relação a aspectos distintos da vida, não apenas econômico, mas também tendo como referencial o status social local. A renda familiar em geral é baixa, em Chiador, mas não podíamos descartar quem tivesse um rendimento acima da média, em função de sua experiência de vida, de suas atitudes em relação às dificuldades que enfrentam ou enfrentaram, e que pudessem nos trazer informações que nos conduzissem a reflexões sobre a relação entre sentimentos, afetos, valores, preferências por certos modos de ser e dimensões como condições de vida, de trabalho, moradia, saúde.

Com a preocupação que tal escolha não fosse direcionada por motivos ou preferências pessoais, e, também, para atribuir em grande parte tal escolha aos próprios moradores, o principal critério para a seleção dos entrevistados se deu a partir de atividade que havia sido desenvolvida no ano de 2013, uma iniciativa realizada em escolas do município, e que levaram as comunidades a escolherem seus “griôs”, seus contadores de

histórias, seus referenciais para a vida local. Tal projeto, a 4ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, teve o tema “Griôs: os mestres de nossa cultura”. Para realizá-lo, os alunos, professoras e professores, diretoras, discutiram e escolheram quem seriam os griôs de cada escola de Chiador. Assim, nosso foco foi efetuar as entrevistas com os oito griôs selecionadas pela própria comunidade.

Dois griôs, no entanto, não puderam ser entrevistados, um por motivos de saúde, e outro por não mais residir em Chiador. Foram substituídos por dois outros moradores: uma pequena produtora rural (Mariléa Lara Gonçalves Rezende), que conhecemos durante a aplicação de questionários semi-estruturados para outra etapa da pesquisa, e que se mostrou desde esse primeiro contato importante para discutirmos diversos aspectos da vida de quem mora na zona rural; e por Gerson Gonçalves Martins, bisneto de escravo africano e de escrava já nascida no Brasil, morador da provável mais antiga casa de Chiador, construída no século 19, quando a vila se chamava Santo Antônio dos Crioulos.

Foram realizadas entrevistas com os seguintes griôs: - no distrito de Sapucaia de Minas: Santinaura Itaborahy Pereira (dona Santinha), benzedeira, 77 anos, e Adelino da Costa Pereira Júnior (seu Deinho), acordeonista, pequeno produtor rural, 85 anos; - no distrito de Penha Longa: Arlety de Oliveira e Silva, professora aposentada, 70 anos, e Antonio “Brande” Carias, funcionário público e trabalhador rural aposentado, treinador de futebol, 88 anos; - no centro, escola Santa Tereza: Vilma da Conceição Oliveira Pereira (Vilma “do Cartório”), titular do Cartório de Registro Civil e Notas de Chiador, 76 anos, e José Geraldo de Sousa, artesão e agricultor, 59 anos. Substituindo os dois griôs que não puderam ser entrevistados, foram escolhidos Mariléa Lara Gonçalves Rezende (dona Léa), pequena produtora rural, 65 anos, que conhecemos durante a aplicação de questionários semi-estruturados, e Gerson Gonçalves Martins, 75 anos, bancário aposentado.

O material dessas entrevistas está - em versão editada, menor que as íntegras utilizadas para análise - disponível no canal criado pelo projeto, TV Chiador (www.youtube.com/tvchiador). As entrevistas foram, todas, em sua versão editada, entregues em DVDs aos entrevistados e à biblioteca municipal, e também apresentadas em mostras realizadas no centro cultural de Chiador e nas escolas do município (distritos de Penha Longa, Parada Braga, Sapucaia de Minas e centro).

O roteiro foi elaborado após ter sido realizada pesquisa bibliográfica preliminar sobre Chiador, e com o suporte de informações gerais de um dos integrantes do projeto, o

jornalista chiadorense Rodrigo Galdino Ferreira, responsável pelo **Jornal de Chiador** desde a criação do mesmo, em 2008, e com dados da interpretação de 100 questionários semi-estruturados, aplicados entre moradores dos diversos distritos do município, sobre questões como perfil socioeconômico, saúde, trabalho, educação, transporte, assistência social, comunicação, cultura e política. De maneira geral, o roteiro foi conduzido com perguntas sobre alguns desses temas, em especial educação e trabalho, e também infância e história de Chiador. De maneira aberta, outros assuntos sempre foram abordados, tendo em vista o perfil e a fala de cada entrevistado/a.

As referências familiares, o passado, a família

Nas oito entrevistas interpretadas fica perceptível que, ao falar da família, a memória contada era claramente uma memória anterior aos entrevistados, mas os moradores respondiam se apropriando desse saber:

"A minha mãe veio pra cá com dez anos de idade e os pais dela compraram uma fazenda aqui, que chama fazenda da Bela Vista (...) e meu pai ficou conhecendo e namorou e casou logo com ela(...)". (Fala de Mariléa Gonçalves)

Em alguns casos lembravam-se de dizer que tratava-se de algo que a eles foi contado.

"Eu não alcancei não, mas meu pai e minha mãe contavam que a avó dele, a avó do meu pai ela era escrava, trabalhava na fazenda (...) ela era cozinheira, então na hora dela carregar aquelas panelas de comida, às vezes atrasava um pouquinho, então eles colocavam aquela panela de comida quente na cabeça dela (...) e o cabelo dela caiu tudo em cima assim (...) então só ficou aquela coroa assim em volta tipo um padre, né? Então ela passava por aquelas dificuldades todas e ela aturou bastante, já a mãe do meu pai aturou pouco (...) vinte cinco anos (...) então meu pai foi criado com a avó dele". (Fala de José Geraldo de Souza)

É como se tornássemos nossas, as memórias que ouvimos sobre a história de nossa família ou sobre nossa própria história. Assim somos capazes de contá-las como se elas fizessem parte de uma lembrança de fato por nós vivenciadas ou presenciadas.

"... além de fazer uma festinha pelo aniversário da minha mãe, (meu avô) fazia uma fogueira em frente essa casa aí (...) e reunia os parentes e os amigos pra passar na fogueira." (Fala do Sr. Adelino da Costa Pereira Júnior)

O mesmo acontece quando repassamos uma memória que nos foi contada através de um livro. Como sobre a escravidão, conhecida com "proximidade" por dona Vilma, através dos livros lidos no cartório:

"Ahh, muita coisa. Eu conheci muita história, não sabe, porque eu li esses livros do cartório todinho. E vi muita coisa que interessou... Com a República e a Abolição tinha sido antes, um ano antes. Mas ainda casavam. Fez os casamentos ainda de escravos, já eram 'ex-escravos', mas colocavam lá escravo."

Outro ponto interessante é o saudosismo que as palavras expressam. Ao falar da infância ou da escola ou de situações que das quais sentem falta, as expressões se modificam, como se ao lembrar fosse possível reviver o que ali estava sendo contado.

Transcrever sob a forma de imagens escritas aquilo que brota da fala que relembra um passado, sempre aberto aos idílios que os tempos pretéritos trazem, fazendo emergir o que é muitas vezes qualificado como maravilhoso de outrora(...). (MUSSE e RODRIGUES, 2012. p. 7)

"Mas naquela época era uma maravilha. As meninas brincavam de roda, brincavam de pique e subia em árvore que era mais importante né? ...Naquele tempo as meninas, mocinhas não tinha assim vergonha de dançar com os mais velhos e eu sempre gostei de dançar com quem soubesse dançar." (Fala de dona Vilma Conceição Oliveira)

"Eu era uma das mais novas da turma, então aquelas brincadeiras, participavam pai, mãe, tio, os vizinhos que vinham (...) a gente brincava de dançar, a gente dançava muito" (Fala de Mariléia Gonçalves)

"Na minha época a gente ia estudar, não tinha merenda não, a gente levava banana ou então açúcar preta aquela açúcar mascavo, aí pra um não tomar do outro, porque as vezes o outro num tinha, nós pegava aquilo escondido, aí quando um achava corria atrás do outro, era aquela bagunça no caminho, era até gostoso né, a gente fazer aquela brincadeira(...)" (Fala de José Geraldo de Souza)

"Andei muito, ia estudar de trem. Era maravilhoso, né? Andar de trem. Ônibus insuportável que a gente tem que aturar (...) eu não pagava, porque eu tinha passe, meu pai era ferroviário (...) o trem era muito mais rápido, mais confortável e mais seguro (...) (quando acabou o trem as pessoas) ficaram tristes porque não tinha mais o conforto do trem". (Fala de Arlety de Oliveira)

"(O trem) Era muito bom, só que tinha vezes, dias que atrasava, mas era menos perigo que é o ônibus e essas coisas. Porque quando veio a empresa de ônibus a estrada era um brejo só, a gente arrumava boi, trator pra arrancar esses ônibus atolado, cheio de gente." (Fala do Sr. Antônio Brandi)

"Era bom demais na época, poxa vida. Nas horas do trem, quando a gente tava aqui em casa, tirava todo mundo e ia ficar aqui perto da linha, passava sempre pessoa conhecida, aí dávamos um adeuzinho, às vezes, quando parente ia viajar, a gente ia pra dar um adeus pra eles também. Trem é muito bom". (Fala do Sr. Adelino da Costa Pereira Júnior)

As memórias se assemelham à fotografia. Nelas habitam os registros que captamos de nossa realidade e cabe a nós revelá-las ou não. O processo de revelação de uma

fotografia envolve jogar luz sob algo ainda não conhecido; é a permissão para que outros olhos vejam aquilo que apenas o fotógrafo viu. Um papel análogo ao feito por um entrevistado ao trazer à tona uma memória, pertencente a ele e só, por meio da linguagem.

O direito ao esquecimento

Mas no jogo memorável há mais do que a apresentação daquilo que é lembrado: No esforço de lembrar está contido o esquecimento de múltiplas ordens. (...) Ao pensar a memória, as estratégias que evocam lutas, disputas (...) os depoimentos não trazem o passado nele mesmo, mas um olhar que do presente lançamos ao tempo que qualificamos como tendo passado. (MUSSE e RODRIGUES, 2012, p.8)

Há uma preciosidade em guardar memórias ou mesmo adquiri-las é algo imprescindível, mas o direito do lembrar se esbarra com o direito de esquecer. Há quem se orgulhe de suas histórias e quer fazer com que se saiba delas.

"Eu era um desportista, eu fui atleta do Fluminense, eu corria 100, 200, 400m e tenho a honra de participar de um livro intitulado "100 anos de Fluminense" e o meu nome consta numa parte do livro (...) aparece ali como parte dessa história do clube. " (Fala de Gerson Martins)

Enquanto há quem conte sobre coisas que talvez preferia esquecer.

"Eu com sete anos de idade eu comecei de golinho, em golinho. Ai fui crescendo, crescendo, crescendo essa história é longa, fui crescendo, com aquele vício de beber, beber ai comecei treze, catorze, quinze anos, comecei a entrar no meio dos companheiros, ir pro campos jogar bola e negócio de forró. Fiquei viciado naquilo (...)". (Fala de José Geraldo de Souza)

No trecho citado acima temos um exemplo de memória da qual o entrevistado não se orgulha. José Geraldo fala sobre a infelicidade do vício, que por um tempo ele alimentou. No caso dele, houve uma superação e ele conseguiu parar de beber, isso sim era motivo de orgulho para o entrevistado.

"(...) Nesse dia tomei um fogo, um golinho de pinga à toa. Ai fiquei num fogo arrumado. Cheguei aqui, desarreei o cavalo ali, não aguentei guardar ele dentro de casa. Ali naquele morro ali em cima ali, plantava uma roça de milho. O milho no ponto de capinar e eu não aguentava fazer nada. Numa ressaca terrível. (...) O moleque (o filho) olhava pra mim e ria, que ria. A mãe dele ria também. Ai falei "Ih meu Deus do céu, eu não posso falar nada, to errado". Ai sentei no pilão ali na sombra ali, ele chegou perto de mim e falou: "Ah pai, desse jeito você não vai aguentar criar nós não. Você chegou muito ruim aqui". Aquilo acabou comigo. Falei "Éh, eh vou parar com isso". (...) Ai isso foi o pingo d'água na coisa. Graças a Deus eu parei, tem vinte anos que eu parei, graças a Deus(...)". (Fala de José Geraldo de Souza)

O trabalho de lembrança (ao lado do silêncio instaurado pelo esquecimento) se constitui como ato comunicacional que, como qualifica Ricoeur, pode ser

considerado como enigma e um milagre. Enigma, porque pela linguagem se consegue transmitir a experiência para outros, que a compreenderá ou não. Vivida, a experiência é a minha experiência. Comunicada, a minha experiência torna-se algo compartilhado. É assim que a comunicação é uma espécie de milagre: por meio dela se consegue superar a solidão de cada ser humano. (MUSSE e RODRIGUES, 2012. p.9)

Caso José Geraldo não tivesse parado de beber, pode ser que ele não a tivesse contado, mas por se tratar de entrevista de história de vida, as perguntas se direcionavam a partir das lembranças contadas, então não é possível mensurar o que deixou de ser dito ou “lançado debaixo do tapete”, pois o entrevistador, nesses casos, tomou para si um papel quase de ouvinte de uma história que com ele estava sendo compartilhada.

Ao contar um episódio que preferia não ter vivenciado, o entrevistado escolhe compartilhar uma memória que, caso não tivesse sido mencionada, ainda que propositalmente, deixaria de fazer parte da realidade do entrevistado, pelo menos para o ouvinte que está crendo ali na versão que lhe está sendo relatada.

"Fomos a um baile e na volta tinha dado uma chuva e tinha um lugar com saibro e em outro acabou o saibro e eu não esperava; eu não sei se eu dei uma cochilada. O carro bateu, começou a deslizar, eu não sei o que aconteceu o carro virou ao contrário, ao invés de tá a frente pra Sapucaia virou pra Mar de Espanha. Quando nós paramos, puxa vida, foi Deus que nos ajudou pra não descer e dar uma batida. Uma coisa simples, mas que eu não esqueci até hoje". (Fala do Sr. Adelino da Costa Pereira Júnior)

Esse acidente é um episódio que acrescenta conteúdo à história do Sr. Adelino, mas saber ou não sobre ele é uma escolha simples do falante entre querer ou não querer falar sobre o assunto.

Bem como dona Arlety, que escolheu contar sobre o fato de ter perdido um cargo na escola em que trabalhava, por conta de sua religião. A escolha é expor uma mágoa ou uma cicatriz que poderia ser encoberta e, portanto, para nós deixaria de existir como parte da história do entrevistado em questão.

Ou mesmo contar uma memória que não é motivo de alegria, pode ser, na verdade, um desabafo, a busca de superação do episódio recordado.

"Eu estive com o cara de foi auxiliar de preparador de Seleção Brasileira, Sebastião Pereira dos Santos já tá bem velho, ele veio com o professor Gerson e foi ali eu estava treinando as crianças, ele teve lá pediu licença e tudo, botei as crianças pra receber a ele aí no outro sábado ele voltou e me trouxe colete pra treinar as crianças, esses cones, é bola, me trouxe um saco assim de bola essa bola de bomba. Quando eu saí larguei isso lá, quando eu voltei não encontrei isso mais, não sei o que o pessoal fizeram com aquilo. Eu falei: Olha, não dá pra mim não. Eu gosto de troço certo. Uma área de lazer, é uma sala

de visita de qualquer cidade o campo. Que aquilo é aberto chega, um vem é isso que tem lá.” (Fala do Sr. Antônio Brandi)

Considerações finais

Nessa história local, que apresentamos aqui ainda em uma primeira interpretação, vê-se com clareza a apropriação de saberes das gerações anteriores - são valorizados os "antigos", aqueles que antecederam os moradores que falam. Percebe-se a forte presença da vida rural, mesmo por quem vive na cidade. Os entrevistados são de uma geração que ainda vive ou que viveu "na roça", embora essa realidade seja cada vez menos presente, em especial pela dificuldade de os pequenos proprietários rurais conseguirem ao menos garantir a própria subsistência e de seus familiares com o ganho da própria terra.

As lembranças construídas se remetem a mudanças importantes percebidas pelos moradores. Tais mudanças, quando referem-se a questões de infraestrutura, assuntos concretos, referem-se a um passado difícil, em que as condições de vida eram piores que as atuais. Nesse sentido, a vida melhorou nas últimas décadas, no entender dessas pessoas, quase todas ocupantes de lugares sociais subalternos. Como se vê muito claramente no que conta José Geraldo de sua bisavó, escrava que "aturou" pouco. Ou seja, que morreu jovem, "durou" pouco.

Essa mudança das condições materiais é um dos aspectos mais fortes das histórias de vida entre os moradores de Chiador. As dificuldades para estudar na zona rural quando os entrevistados eram jovens - hoje, têm entre 70 e 80 anos, em média - são contadas em detalhes dificilmente imagináveis por quem é jovem e vive, há gerações, na zona urbana. Não tinha merenda, nem transporte, era necessário andar quilômetros, as salas de aula eram multisseriadas, era preciso conciliar estudo e trabalho - e, nessa impossibilidade, quase todos os "griôs" de Chiador abandonaram os estudos ainda nas primeiras séries.

Mesmo entre as lembranças de tais dificuldades, fica também marcado o passado pela emoção da felicidade. Quando tal passado se refere a momentos felizes, muitas vezes relacionados à juventude de quem faz o relato, reveste-se quase sempre de um tom de alegria, saudades, nostalgia. Essa alegria é irrecuperável. Como dona Vilma, que lembra de quando ela mesma era moça: "Naquela época era uma maravilha... mocinhas não tinham assim vergonha de dançar com os mais velhos". Ou Mariléa, que fala de quando era uma das "mais novas da turma".

O trem, ah!, o trem, esse só falta voltar de verdade, quando eles lembram desse tempo "bom demais", em que se esperava a hora de dar adeus a quem passava, era maravilhoso. Essa lembrança fica ainda mais forte ante uma realidade que até hoje se enfrenta: o horror do serviço de ônibus no município.

Mas há também duas outras dimensões importantes percebidas na interpretação de tais entrevistas: contar o passado é uma forma de revê-lo de uma outra maneira, reconstruí-lo, com uma dimensão crítica que se percebe ser de quem olha de lá para cá, do presente para o passado. Uma ação que mudou a vida, como largar a bebida, no caso de José Geraldo, ou ter escapado de um acidente de carro, ou a atitude que foi tomada perante uma determinada situação, importante para a vida de quem fala, aparecem com frequência nos relatos dos entrevistados. É como uma forma de passar a vida a limpo, marcando postura que não deve ser colocada em dúvida: aquilo que se diz no momento é como um acerto de contas. É o direito ao esquecimento de certos fatos ou atitudes, antes vistas como rotineiras na vida de todos eles. Tais experiências são, na entrevista, partilhadas, e o entrevistador é visto mais do que como um interlocutor, quase um cúmplice daquelas visões e histórias ali tornadas comuns.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de história local: redescobrimo sentidos. **Saeculorum – Revista de História** [15]; João Pessoa, jul./ dez. 2006. p.57-85. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum15_dos05_barbosa.pdf. Acesso em: 10 abr 2013.
- CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**, Curitiba : Editora UFPR, 2004.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MUSSE, Christina e RODRIGUES, Cristiano. **Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2012.
- PERUZZO, Cicilia M. K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. In: VII CELACOM/ENDICOM 2004 (VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação / V Encontro de Ensino e Investigação da Comunicação nos Países do Mercosul). Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação regional. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2004. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Direito_%C3%80_Comunica%C3%A7%C3%A3o_Comunit%C3%A1ria,_Participa%C3%A7%C3%A3o_Popular_e_Cidadania. Acesso em: 19 abr 2013.
- SILVEIRA FILHO, Helio Braga da. **Educando com a história local: marcas da formação de professoras no fazer escolar**. São Paulo : PUC-SP, 2003. [dissertação de mestrado] Disponível em http://www.diversitas.fflch.usp.br/files/Tese_Helio_EDUCANDO%20COM%20A%20HISTORIA%20LOCAL.pdf. Acesso em: 12 abr 2013